

## Práticas educativas construídas em Cursos de Formação de Educadoras nos Centros Pré-Escolares OMEP/ BR /RJ (1970-1980)

## Educational practices built into teacher training courses in Pre-School Centres OMEP/ BR /RJ (1970-1980)

*Luisa Maria Delgado de Carvalho\**

*Daiane Elias dos Santos Rocha\*\**

### Resumo

O presente artigo, resultado parcial de uma pesquisa de doutoramento, tem como foco as práticas educativas e estratégias construídas e utilizadas pela professora Astrogildes Delgado de Carvalho, conhecida como “Didinha”, nos cursos de formação para educadores infantis nos Centros de Atendimento ao Pré-Escolar – CAPES, coordenados pela Organização Mundial para a Educação Pré-escolar (OMEP), nas décadas de 1970 e 1980. Suas práticas educacionais pautavam-se principalmente em Froebel e Montessori, nos princípios do catolicismo e nos três pilares de desenvolvimento do ser humano, englobados na perspectiva biopsicossocial. Procura-se neste trabalho analisar os materiais pedagógicos encontrados no acervo particular da educadora, as metodologias e as tecnologias utilizadas.

**Palavras-chave:** práticas educativas - formação docente –tecnologias educacionais

### Abstract

This article, a partial result of his doctoral research has focused on educational practices and strategies built and used by the teacher Astrogildes Delgado de Carvalho, known as “Didinha” in training courses for early childhood educators in the Service Centers Preschool - CAPES, coordinated by the World Organization for Early Childhood Education (OMEP), in the 1970s and 1980s. Their educational practices are guided mainly Froebel and Montessori, the principles of Catholicism and the three pillars of human development, included in biopsychosocial perspective. This work seeks to examine the teaching materials found in private collection of educator, methodologies and technologies used.

**Keywords:** educational practices - teacher education - educational technologies

\* Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1987) e mestrado em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (2005). Atualmente não possui nenhum vínculo empregatício. É assessora pedagógica - Associação Creche Viva, diretora de projetos da Associação Casa Tia Didinha e curso para professores articuladores município - Secretaria Municipal do Estado do Rio de Janeiro - SME. Foi Presidente da OMEP/BR/RJ (Organização Mundial de Ensino Pré-Escolar) entre 2009 e 2012. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: formação profissional, creche, brincar, relacionamento, afetividade e instituições infantis. Doutoranda em História da Educação na UERJ. E-mail: luisa@delgadodecarvalho.com.br

\*\* Pós-graduada em Educação Infantil e Desenvolvimento pela AVM. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Atualmente é Professora de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro e Assistente Técnica Pedagógica. Trabalha com os principais temas: educação infantil, políticas públicas, creches e formação de educadores. E-mail: daianerocha.educ@gmail.com

## Introdução

Este artigo foi escrito a partir da minha pesquisa de doutoramento e tem como foco as práticas educativas e as tecnologias construídas e utilizadas pela professora Astrogildes Delgado de Carvalho, a “Didinha” como era conhecida, nos cursos de formação para educadores infantis nos Centros de Atendimento ao Pré-Escolar- CAPEs, coordenados pela Organização Mundial para a Educação Pré-escolar (OMEP), nas décadas de 1970 e 1980.

Em 1967, Astrogildes encerrou suas atividades como professora e diretora da Escola Chapelinho Vermelho e do Externato Delgado de Carvalho, em Petrópolis. Retornou ao Rio de Janeiro e foi convidada pela então Presidente da OMEP/Brasil, professora Laura Lacombe, para coordenar aqueles centros e ministrar cursos de formação para as educadoras leigas que trabalhavam nesses espaços de educação pré-escolar.

A aproximação da professora Laura Lacombe com Astrogildes Delgado de Carvalho teve início em 1955, quando a última começou a participar de vários cursos de Educação Infantil, ministrados pela professora Heloisa Marinho e pela própria Laura Lacombe na OMEP/BR. A frequência dos cursos tinha o propósito de aprimorar os conhecimentos das educadoras e, no caso de Didinha, houve o interesse em levar as novas metodologias para serem aplicadas na Escola Chapelinho Vermelho e no Externato Delgado de Carvalho, onde era diretora e professora. As teorias pedagógicas presentes em sua prática tinham por base as propostas de Froebel e Montessori e também princípios do catolicismo, que fundamentavam ideias de ética, amor ao próximo, amor e respeito à natureza.

Procura-se neste texto analisar os materiais pedagógicos encontrados no acervo particular da educadora Didinha, referentes aos cursos de formação, como também as metodologias e tecnologias utilizadas nos cursos para as educadoras dos Centros de Atendimento ao Pré-Escolar (CAPEs), que atendiam crianças de famílias menos favorecidas da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios da Baixada Fluminense.

A grande maioria das mulheres educadoras que trabalhavam nesses Centros Educativos era constituída de pessoas das próprias comunidades, que careciam de um conhecimento pedagógico formal sobre a educação da primeira infância. A prática educacional de Didinha estava ligada não apenas à questão do desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também ao seu desenvolvimento biopsicossocial. Ela entendia que a formação da criança deveria acontecer por meio dos três pilares do desenvolvimento do ser humano inscritos nessa perspectiva.

O referencial teórico metodológico para esse trabalho está vinculado aos estudos de Brandão (2003), pautado em Nibert Elias, que analisa a relação indivíduo-sociedade; Mignot (2002) que trata das memórias presentes nos acervos de um indivíduo; de Kramer (1992) que trata sobre as políticas para a infância; de Moran (2006) e Leite (2003) que trabalham os conceitos de tecnologias educacionais e contribuem para a análise dos materiais pedagógicos da educadora.

## A OMEP e os CAPEs

Para entender as práticas educativas da educadora Astrogildes Delgado de Carvalho, é necessário analisar as atividades da OMEP nos seus primeiros anos de atuação no Brasil e o surgimento dos CAPEs na década de 1970, Centros Infantis onde a educadora iniciou seu trabalho como formadora de educadoras desses espaços.

A Organização Mundial para a Educação Pré-escolar (OMEP) foi fundada em 1948, no final da II Guerra Mundial, quando um grupo de educadores, preocupado com o futuro das crianças do pós-guerra, gerou o embrião daquilo que seria a futura OMEP. Destaca-se nesse momento o papel de Lady Allen de Hurtwood (Grã-Bretanha), de Alva Myrdal (Suécia) e Ella Esp (Noruega), que projetaram a criação de um organismo internacional para a Educação Pré-Escolar. A esse grupo de pessoas, juntaram-se Herbinière-Lebert, inspetora-geral das escolas maternas na França, e M. Sigsgaard, diretor de uma escola de formação de Jardineiras de Infância, na Dinamarca, que também responderam ao apelo. Em novembro de 1946,

reuniram-se, na UNESCO, buscando planificar diretrizes, com o objetivo de fundar a OMEP. Nesse momento, a Conferência Geral da UNESCO aprovou, com entusiasmo, o projeto e prometeu apoiá-lo. A primeira Assembleia Geral do organismo, que viria a se constituir como a OMEP, realizou-se em Praga, em agosto de 1948, sendo seguida de um seminário, versando sobre questões de educação, da qual participaram 18 países.

Nessa ocasião, Alva Myrdal foi eleita presidente da OMEP e 11 países criaram, de imediato, comissões nacionais, seguindo as recomendações da Assembleia Geral de Praga. A segunda assembleia da OMEP ocorreu em Paris, em agosto de 1949, na sede da UNESCO, onde se encontraram representantes de 33 países. Foi, então, organizada pela comissão nacional francesa, presidida por Lady Allen, em substituição de Mme. Myrdal, chamada em dezembro de 1948, a exercer o cargo de Diretora dos Assuntos Sociais da ONU.

Durante essa assembleia, foram votados os Estatutos da OMEP e Lady Allen, então nomeada presidente, constituiu os corpos gerentes e traçou um primeiro plano de ação. Nesse mesmo ano, abandonaria a OMEP para desempenhar importantes funções na UNICEF, tendo sido substituída, em janeiro de 1950, por Mme. S. Herbinière-Lebert. Com o apoio da UNESCO, a nova presidente deu um novo e vigoroso impulso à instituição, assegurando as bases sólidas de todo o desenvolvimento posterior da OMEP. A Sede da Organização foi registrada em Paris, em 1948, e a instituição foi legalmente reconhecida como organização internacional a 7 de março de 1950. Estende-se, hoje, por mais de 70 países dos 5 continentes. Seus princípios socioeducacionais foram introduzidos no Brasil em 1953, com a finalidade de atender a crianças na faixa etária de 0 a 7 anos, de todas as classes sociais. É uma organização educativa internacional e não governamental, podendo receber adesões de qualquer pessoa ou organização, sem que haja distinção de raça, religião ou nacionalidade. Atualmente, no Brasil, existem OMEPs em quase todos os estados da União.

A Instituição OMEP-Brasil é uma Confederação, formada por Federações Estaduais que, por sua vez, possuem associações municipais. Importante é ressaltar que os

grupos de educadores que iniciaram a OMEP-Brasil elaboraram um plano, visando a capacitar mulheres para trabalhar com as crianças em idade pré-escolar. Inicialmente, a OMEP promovia conferências, proferidas por educadores de destaque, e organizava mesas redondas, em que temas sobre a Educação pré-primária eram debatidos. Às conferências e mesas redondas, seguiram-se os cursos, que foram realizados entre 1956 e 1965. Segundo Kramer (1992), esses cursos e essas mesas redondas tinham como ênfase a psicologia da criança, havendo preocupação com a alfabetização e com os aspectos metodológicos e didáticos do processo educativo.

Destaca-se nesse período (1965-1967) a preocupação da UNICEF com a questão do pré-escolar no Brasil, já que a política voltada para esse segmento era de pouca expressão, correspondendo a um projeto nitidamente de caráter preparatório.

Em 1965, o Departamento Nacional da Criança (DNCr) esteve presente junto com a UNICEF, em um encontro cujo tema foi *Como proteger em massa os pré-escolares num país em desenvolvimento*. A partir desse encontro, o DNCRc apresentou um relatório sobre a situação do Pré-Escolar no Brasil, resultando num plano para ser apresentado no I Encontro Interamericano de Proteção ao Pré-Escolar no Brasil, que foi organizado pela OMEP-BR. Esse encontro foi presidido pelo pediatra Dr. Rinaldo Delamare, tendo como vice-presidentes a Prof.<sup>a</sup> Laura Lacombe e o Dr. Mario Altenfeder.

Na organização desse evento, foram propostas mesas redondas, painéis, grupos de estudo e conferências proferidas por Lourenço Filho e Nazira Feres Abi-Saber. Assim, a partir desse momento, a OMEP-Brasil ampliou a sua atuação, firmando um convênio com o Ministério da Saúde por dois anos. Foram fundados os primeiros Centros de Atendimento ao Pré-Escolar (CAPEs) em comunidades desprivilegiadas do Rio de Janeiro. Nesses centros, a OMEP fazia a supervisão, coordenação e, em alguns casos, administração, entrosada com a entidade atuante da área, mediante parcerias. Além desses convênios com o Ministério da Saúde, foram firmados acordos com o Ministério do Trabalho, para orientação e implantação de creches. Em 1978, foi firmado o convênio com a

Legião Brasileira de Assistência (LBA). Destaca-se, ainda, a aproximação, a partir de 1969, da OMEP-Brasil com o Serviço de Educação Alimentar, do então estado da Guanabara, passando a fornecer alimentação às crianças nos seus CAPEs.

### ***Um olhar para os materiais, as tecnologias, as práticas educativas e a formação das educadoras dos CAPEs***

Os CAPEs foram fundados com objetivo de atender as crianças que careciam de uma alimentação adequada e ser um espaço de guarda para as mães que necessitavam deixar seus filhos para trabalhar. Era, portanto, uma proposta de cunho assistencialista, não havendo nenhuma lei até então que exigisse que o atendimento fosse realizado por profissionais com escolaridade, ou com formação na área do magistério.

Em 1968, a educadora Astrogildes Delgado de Carvalho, iniciou seu trabalho na OMEP-Brasil, sendo convidada por Laura Lacombe, então presidente da instituição, para organizar cursos de capacitação para as educadoras que atuavam nos CAPEs. O grupo de educadoras era composto, na maior parte, por mães da própria comunidade que prestavam um serviço voluntário, carecendo, portanto, de conhecimentos pedagógicos para trabalhar com a criança pequena. Nesse trabalho, a educadora foi se dedicando totalmente à coordenação dos cursos de capacitação de educadores de creches. Numa entrevista concedida à *Revista Família Cristã*, em maio de 1978, Didinha relatou que, pela falta de conhecimento teórico das educadoras, “muitas vezes preciso começar do nada” (p.25).

Um dos trabalhos realizados por Didinha, de destaque, enquanto coordenadora e professora foi a criação do Centro de Recreação Infantil da América Fabril, na localidade de Pau Grande, Piabetá, RJ, em 1971, e a formação das educadoras que atuariam nesse espaço. Antes da criação desse Centro, a América Fabril possuía um ambiente destinado ao atendimento às crianças, filhos dos operários, porém, o serviço era precário e a educação orientada por práticas improvisadas.

Foi encontrada, no acervo de Didinha, uma carta na qual ela relatava sua visita ao espaço escolar da Fábrica América Fabril e oferecia ao então presidente da instituição, dr. Francisco Escobar, os serviços da OMEP:

As 60 crianças de 5 e 6 anos eram orientadas pelo método tradicional, ou seja, cobrir linhas e completar “deveres” mimeografados. Fizemos uma visita à direção da Fábrica na pessoa do seu então presidente, dr. Francisco Escobar, em companhia de Maria Cunha que ficou encantada com o local. Falamos da OMEP, sua finalidade, seu método de trabalho em convênios com as entidades interessadas na nossa Orientação Pedagógica, e lhe falamos sobre nossos centros já existentes e em pleno funcionamento, cujos convênios eram feitos com o Instituto de Nutrição da Guanabara e com a Campanha Nacional de Alimentação Escolar no caso do estado do Rio, sob os auspícios da C.P.M.I. (Astrogildes Delgado de Carvalho, em 15 de Dezembro de 1972).

A criação do Centro de Recreação Infantil da América Fabril tornou-se referência, em função da proposta inovadora desenvolvida, que consistia em uma educação ativa, fruto dos debates educacionais da época, na qual, além da assistência à criança, era oferecida também uma educação que propiciasse o desenvolvimento biopsicosocial. Outro documento interessante encontrado no acervo durante a pesquisa é o relatório de atividades datado de 30 de fevereiro de 1973. A seguir, são citadas as práticas pedagógicas utilizadas nas turmas de Jardim e Pré-Primário.

Estão matriculadas 90 crianças e a frequência é boa pois os pais trabalham na Fábrica deixando seus filhos no Jardim. A sala do Jardim é ampla, arejada, com bastante lugar para os murais. Os trabalhos de Jardim se fazem em dois turnos – de 7 ½ às 12 horas e de 1 às 5. Cada turno tem duas professoras e uma atendente. Separam-se as 45 crianças de cada turno em dois grupos para melhor aproveitamento. Um grupo faz atividades externas plantação, pesquisa da Natureza, pintura, colagem e massa nas mesas sob as árvores enquanto o outro grupo trabalha dentro de sala fazendo Rodinha, além da alfabetização e de Jogos sob a orientação de D. Lourdes Pereira da Silva, do seu método em conjunto com D. Heloisa Marinho. O progresso das crianças, seu interesse

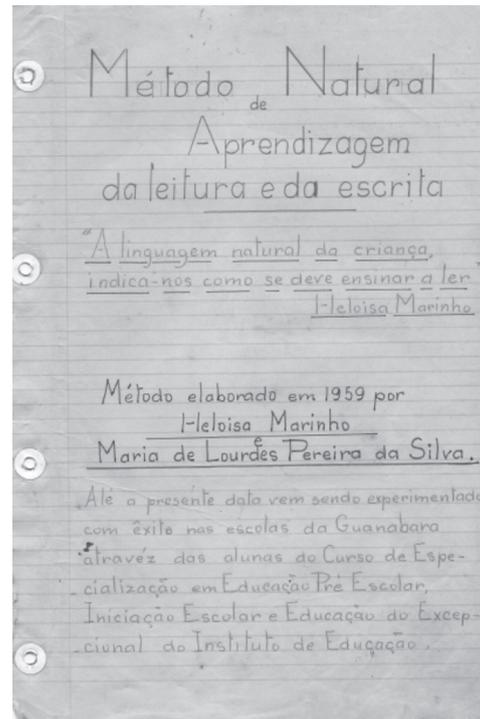
é visível, e já temos livrinhos feitos por elas próprias, onde se lê os primeiros ensaios de frases. A orientação pedagógica continua sendo dada uma vez por semana à equipe de professores e atendentes, que fazem elas próprias o material necessário para alfabetização. As reuniões dos pais são mensais e nelas orientamos aos mesmos sobre possíveis problemas com seus filhos. (Trecho do Relatório do Centro de Recreação e CIA; América Fabril em Pau Grande, 30/02/1973)

Através deste trecho do relatório, é possível perceber alguns fundamentos teóricos de Montessori e Froebel. Esses pesquisadores consideravam que o conhecimento era construído pela criança através das experiências, das vivências, da criatividade, do contato com a natureza e da valorização do ser humano como obra de Deus. Havia ainda outros conceitos sociais trabalhados desde cedo conforme essa proposta. Acreditava-se que, para construir um bom cidadão, era necessário tratar da moral, da ética e da harmonia.

O trabalho de alfabetização era pautado nos métodos de Heloisa Marinho, o que representava um destaque para a época. Para melhor entender e socializar os conhecimentos sobre o método de alfabetização com as educadoras, Didinha participou de alguns cursos. A imagem a seguir corresponde à página de apresentação de um dos cadernos de registro utilizados pela educadora.

Método Natural de Aprendizagem da leitura e da escrita.  
 “A linguagem natural da criança indica-nos como se deve ensinar a ler” Heloisa Marinho.  
 Método elaborado em 1959 por Heloisa Marinho e Maria de Lourdes Pereira da Silva.  
 Até a presente data vem sendo experimentado com êxito nas escolas da Guanabara através das alunas do Curso de Especialização em Educação Pré-Escolar, Iniciação Escolar e Educação do Excepcional Instituto de Educação.

A satisfação pelo trabalho desenvolvido por Didinha pode ser observada, quando a educadora relata também na entrevista à Revista Família Cristã (1978, p.22) que se encontrou totalmente neste tipo de atividade e jogou-se de corpo e alma: “A gente sente que está levando algo a quem precisa”. Ainda nessa entrevista, procurou mostrar



(Figura 1. Caderno de registro de Didinha sobre o Método Natural)

que, embora tivesse tido grande experiência em colégio particular voltado para as classes médias, sentia-se melhor trabalhando para os setores de baixa renda, quando afirmou: “a gente sente mais alegria”.

Por meio dessa entrevista, percebemos o que Moran (2006, p.12) chama de integração das dimensões da vida. Para o autor: Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.

Os cursos de capacitação eram realizados no próprio espaço dos Centros Infantis que, na grande maioria, careciam de recursos materiais. Para atender à formação desses grupos, era necessário desenvolver uma prática educativa simples, com suporte material advindo de fontes recicláveis, tais como papéis de computador recebidos por doação da IBM, ou radiografias que eram lavadas e transformadas em materiais de grande importância como transparências. Todos esses suportes eram elabo-

rados de forma a transmitir ensinamentos referentes ao desenvolvimento psicológico da criança de 0 a 6 anos. Assim, a educadora Didinha costurava seus conhecimentos teóricos, a partir de pesquisas sobre o processo de desenvolvimento infantil, pautadas em Piaget, Montessori e outros autores que tratavam de uma educação inovadora e dos conhecimentos das próprias mulheres, que, aos poucos, iam adquirindo e ampliando conhecimentos, sentindo-se valorizadas, promovidas e conseqüentemente passavam a lidar com as crianças de forma diferente.

A organização dos encontros era semelhante às rodas de leitura, em que era realizada uma leitura teórica que dialogava com a prática das educadoras. Segundo Paulo Freire (*apud* Garcia, 2007, p.19), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, a experiência, a história de cada educadora contribuía para o processo de formação de cada membro do grupo por ela coordenado. Para Garcia (2007, p.21), a experiência implica na capacidade de “escutar, dialogar e negociar significados”. Didinha proporcionava esse momento para que as educadoras conhecessem as vivências, as dificuldades, as capacidades umas das outras, problematizando, dialogando com a teoria abordada em cada encontro. Didinha relata em uma carta como era a didática dos encontros:

Nossas reuniões de orientação pedagógica são dinâmicas de estudo em que cada educadora e cada atendente leva o caso que observou na vivência com as crianças, e, juntas, procuramos a solução que está a nosso alcance, ou encaminhamos o caso ao nosso psicólogo dr. Pedro Figueiredo Ferreira, que nos orienta sobre o que devemos fazer.

(Astrogildes Delgado de Carvalho, em 15 de Dezembro de 1972)

Como já foi registrado, a proposta educativa de Didinha inspirava-se nos fundamentos teóricos de Froebel e Montessori, educadores esses que assumiram destaque na época, no olhar sobre a criança como um ser em desenvolvimento, não focando que viria a ser, mas no que seria no presente. Eles defendiam uma concepção de educação que se estende além dos limites do acúmulo de informações.

A prática de Didinha também se caracterizava por uma metodologia baseada na criatividade, no encontro com a natureza e na valorização do “ser como obra de Deus”. Para Froebel, a natureza era a manifestação de Deus no mundo terreno e expressava a unidade de todas as coisas. A aproximação e a relação entre a criança e a natureza possibilitava tratar de conceitos como harmonia, moral e ética. Dessa forma, construía-se a identidade de um ser transcendental. A criança ficava livre para expressar o que se passava no seu interior e desenvolver seus interesses.

A partir dessas ideias, Didinha procurava mostrar para as educadoras a importância de proporcionar autonomia às crianças. Essa prática afirmava a questão da transcendentalidade, que transparece na sua obra intitulada *Treinamento para Educadoras de Centros Infantis* (1981, p.5), quando diz que: “a educação só será completa se for global, isto é, realizada de tal forma que compreenda o todo da criança, ou seja, bio-psico-social, e eu direi, com muito empenho transcendental”.



Figura 2. Didinha reunida com as educadoras

Todo o conteúdo metodológico apresentado por Astrogildes Delgado de Carvalho às educadoras era pautado na preocupação com o desenvolvimento infantil, de modo que elas obtivessem conhecimento sobre as capacidades e as dificuldades das crianças, conforme sua fase ou faixa etária, não classificando-as, mas, orientando o olhar, a fim de fundamentar as práticas pedagógicas e desempenhá-las com cuidado, responsabilidade e qualidade.

Percebe-se, na análise de seus materiais, um cuidado muito grande na maneira de organizar os conteúdos teóricos, por meio de uma linguagem simples, de forma a transmiti-los respeitosamente. Dava ênfase em suas aulas às experiências de vida das educadoras e ao ambiente sociocultural de cada comunidade onde estava localizado um Centro de Pré-Escolar. Para Jorge Larrosa (apud Garcia, 2007, p.20), é necessário que haja, no processo de formação, a ligação entre o sujeito e o conhecimento através da experiência.

Para que a aprendizagem ocorra com sucesso, faz-se necessário que haja um significado para o aprendiz. Didinha dizia que “a pessoa que ama a criança é capaz de educá-la, apesar de não ter conhecimentos. E se ela ama, é mais fácil adquirir os conhecimentos necessários para educar” (Revista Família Cristã, 1978, p.26). Assim, segundo Moran (2006, p.23), “aprendemos pelo interesse, pela necessidade. Aprendemos mais facilmente quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, quando nos traz vantagens perceptíveis”, ou seja, a partir do momento em que as educadoras construíam o significado de sua prática, elas entendiam e percebiam a importância da tomada de decisão, do olhar sobre a criança, do trabalho pedagógico a ser desenvolvido.

Para esse processo de transformação do olhar, conforme Brandão (2003, p.15), a teoria dos processos de civilização proposta por Elias baseia-se na defesa de que toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese) produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido.

Por conta dos poucos recursos financeiros, o curso era preparado a partir de doações de papéis de computador e radiografias que, depois de lavadas, viravam transparências. Todos os recursos eram elaborados a partir da criatividade e do reaproveitamento de materiais recicláveis, transformando-os em suportes necessários, inclusive no que se refere às tecnologias.

Conforme Levy (apud Leite et al, 2003, p.11), a tecnologia é “fruto do trabalho do homem em transformar o mundo e é também ferramenta desta transformação”, ou seja, a tecnologia é todo material produzido como instrumento para auxiliar o trabalho cotidiano.

Em relação às tecnologias educacionais – ferramentas que auxiliam a prática pedagógica – existe uma diferenciação estabelecida entre tecnologias independentes e dependentes. Segundo Leite et al (2003, p.8), “tecnologias independentes são as que não dependem de recursos elétricos ou eletrônicos para a sua produção e/ou utilização”, enquanto as “tecnologias dependentes são as que dependem de um ou vários recursos elétricos ou eletrônicos para serem produzidas e/ou utilizadas”. Didinha, na maioria das vezes, utilizava cartazes e transparências produzidos manualmente, como observamos nas imagens a seguir:

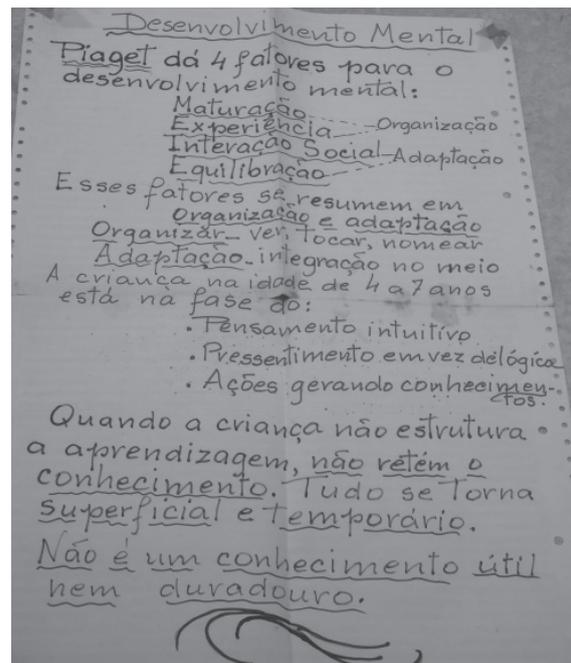


Figura 3. Cartaz utilizado nos encontros

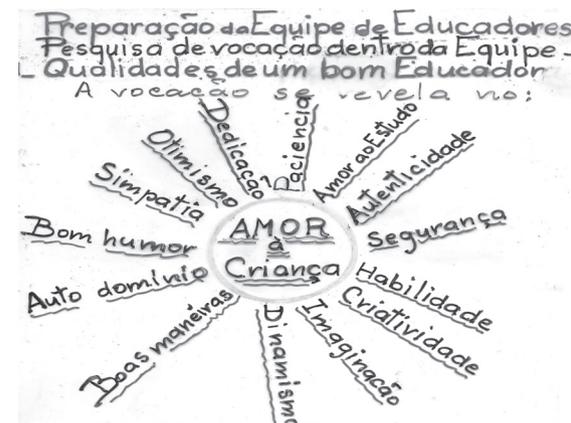


Figura 4. Transparência utilizada nos encontros

Didinha procurava recuperar todos e quaisquer materiais existentes nos espaços onde atuava e mostrar às educadoras de que maneira poderiam ser reutilizados. Essa ideia de reaproveitamento de materiais era uma prática de Didinha, sua criatividade possibilitava a criação de ferramentas de forma singular. Para Moran (2006, p.13), “ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho...”. O autor também fala da autenticidade, humildade e confiança do educador que, ao mesmo tempo, reconhece que sabe e não sabe, que busca sempre construir e reconstruir seus conhecimentos. Para ele, “cada docente encontra uma maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ajudar os alunos a aprender melhor” (Moran, 2006, p.32).

A forma inovadora de reutilização de objetos, tanto por conta da reciclagem, quanto por questões financeiras, não se limitava aos materiais pedagógicos. Didinha, a partir de doações, construía instrumentos musicais, brinquedos e criava espaços lúdicos, tais como Cantinho da Boneca e Playground, o que estimulava o bem-estar físico das crianças, a sua interação e a sua socialização, como observamos a partir das imagens:



Figura 5. Brinquedos feitos com materiais reciclados.

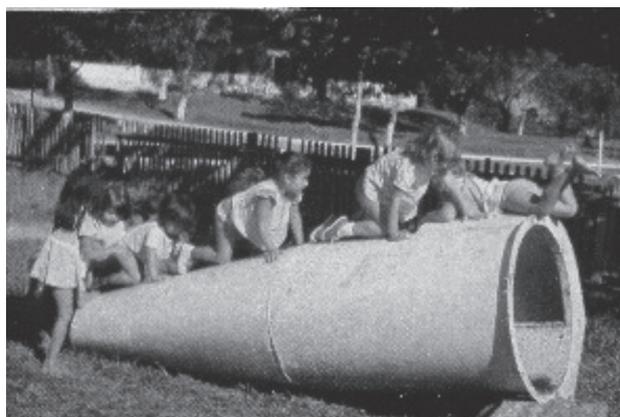


Figura 6 “Cápsula Espacial” elaborada por Didinha no Jardim da Infância em Pau Grande – Fábrica América Fabril 1969.



Figura 7. Transparência com proposta de brinquedo para playground



Figura 8. Trepá-trepá elaborado por Didinha no Jardim da Infância em Pau Grande – Fábrica América Fabril 1969.



Figura 9. Transparência com proposta de utilização de restos de materiais para organização de cantinhos de faz de conta.

### Considerações finais

O contato com os materiais do acervo particular de Astrogildes Delgado de Carvalho ofereceu à pesquisa sobre a educadora informações que, ao serem contextualizadas no período em que viveu, retratam transformações das práticas. O hábito do registro também era um costume dela. Foram encontrados diversos cadernos com anotações que nos permitem acessar algumas vivências.

Variados pertences encontrados pela família da educadora foram doados à pesquisa. Fotos, cadernos, cartas são materiais que, conforme Margarida Neves (*apud* Mignot, 2002), possibilitam remontar a trajetória pessoal e profissional.

Percebe-se que a OMEP possibilitou, através da oferta de acompanhamentos e cursos de aperfeiçoamento nos CAPEs e nas outras instituições, o desenvolvimento de um trabalho qualificado no atendimento às crianças. A experiência em Pau Grande foi de grande destaque, pois o desempenho e o comprometimento de Didinha com a educação da criança contribuiu diretamente na prática e consequentemente no aprendizado coerente das crianças.

As práticas da educadora fundamentadas em princípios religiosos católicos, também acompanhavam as modi-

ficações e estudos no campo da educação, em que se valorizavam os sujeitos participantes do processo de formação – as educadoras e as próprias crianças – enfatizava-se os arranjos espaciais, a aproximação com a natureza, como também a importância do brincar.

Observa-se que Didinha manifestava, na década de 1970, a preocupação em criar ambientes como formas de expressão da natureza (conforme Espinosa *apud* Carvalho & Silva, 2011). Atualmente, muitas vezes as crianças “são enclausuradas em ambientes fechados, por vezes restritos, de modo que se encontram impedidas de interagirem com o meio ambiente de forma lúdica” (Carvalho & Silva, 2011, p.107).

As transformações sociais da época traziam consigo a necessidade de modificações dos sujeitos. A formação do educador precisava acompanhar tais transformações, de modo a entender os principais aspectos para o bom desenvolvimento da criança, refazendo seus olhares.

A partir da análise dos materiais utilizados por Didinha, é possível entender o movimento de transformação referente aos aspectos educacionais e a preocupação em acompanhar esse processo. Para Elias (*apud* Brandão, 2003, p.15), os processos de civilização “emergem da constante correspondência entre as modificações das estruturas de personalidade e as alterações das estruturas sociais”.

As dificuldades financeiras encontradas nos espaços infantis onde coordenava os cursos de formação, não limitaram a educadora. Seu comprometimento com a educação impulsionou momentos de construção de suas próprias estratégias “tecnológicas” educacionais. Por meio de seus materiais é possível notar como eram construídas as ferramentas de suporte metodológico. Didinha não utilizava uma tecnologia porque ela existia, mas dava existência à tecnologia de que necessitava.

A partir da análise do material apresentado, entende-se, por tanto, que a educação se constrói pelo fazer e desfazer de práticas, pela criação e recriação de tecnologias, pela relação do indivíduo com a sociedade e da sociedade com o indivíduo. Esses movimentos são claramente

perceptíveis na história de vida de Astrogildes Delgado de Carvalho, pois possibilitou, a partir de suas práticas educacionais e de sua vida pessoal, o entendimento de aspectos importantes do cenário educacional da época, de uma sociedade que se transformava para atender às necessidades de seus sujeitos.

## **Bibliografia**

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Norbert Elias**: formação, educação e emoções no processo de civilização. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, Luisa Maria Delgado; SILVA, Maciel Cristiano da. Formação de educadores da pequena infância para um desenvolvimento sustentável. In.: SALMAZE, Maria A.; CHAVES, Alesandra M.Q.; SPINDOLA, Arilma M.A. (Orgs.). **Desenvolvimento e sustentabilidade**: revelando olhares, valorizando vozes na Educação Infantil. Campo Grande: Ed. Oeste, 2011.

FERREIRA, Maria O. S.; PERIM, Maria da Luz F. **A história da OMEP no Brasil (1953-2003) educação infantil**. Rio de Janeiro: Ravil Editora, 2003.

GARCIA, Pedro Benjamim. Rodas de leitura e formação do leitor. In.: GARCIA, Pedro Benjamim; CASTANHEIRA, Maurício (Orgs.). **Educação e identidade**: formação, oralidade e memória. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2007.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

LEITE, Lúcia Silva (Coord.); POCHO, Cláudia L.; AGUIAR, Márcia de M. A.; SAMPAIO, Marisa N. **Tecnologia Educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de história**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In. MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12ª Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. **Tia Didinha**: uma mulher com a potência de criar. São Paulo: Edições Paulinas, Ano 44, nº509, maio 1978, p.22-31.

SILVA, José Carlos Teixeira. **Tecnologia**: conceitos e dimensões. ENEGEP XXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Curitiba – PR, 23 a 25 de outubro de 2002.

Disponível em: <[HTTP://www.abepro.org.br/biblioteca/ENE-GEP2002\\_TR80\\_0357.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENE-GEP2002_TR80_0357.pdf)>, acesso em 05 de abril de 2011.